



Nonada: Letras em Revista

E-ISSN: 2176-9893

nonada@uniritter.edu.br

Laureate International Universities

Brasil

SEIXAS FERNANDES, FABIANO

O clássico traduzido: Jorge Luis Borges sobre leitura e tradução

Nonada: Letras em Revista, vol. 1, núm. 16, mayo-septiembre, 2011, pp. 9-23

Laureate International Universities

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451674002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O clássico traduzido: Jorge Luis Borges sobre leitura e tradução

The translated classic: Jorge Luis Borges on reading and translation

Fabiano Seixas Fernandes

RESUMO

O presente artigo examina a reflexão do escritor argentino Jorge Luis Borges sobre tradução; comenta seus principais ensaios sobre o assunto e investiga em que pontos sua reflexão é original. Seus ensaios demonstram pouco interesse pela tradução enquanto tal, utilizando-a como mote para refletir acerca da leitura, mas é justamente ao refletir sobre a leitura que seu pensamento adquire relevância para os Estudos da Tradução. Além disso, sua reflexão destaca um tipo particular de objeto literário: o clássico traduzido.

PALAVRAS-CHAVE

Jorge Luis Borges; tradução; leitura; clássico traduzido.

ABSTRACT

The present article undertakes a critical appraisal of Argentinean writer Jorge Luis Borges' thoughts on translation; it comments on his main essays on the topic and assesses their originality. His essays show little interest in translation per se; he rather uses translation as a way to discuss the act of reading; it is when he does so that his thought becomes truly relevant to Translation Studies. His essays also point to a specific kind of literary object: the translated classic.

KEY WORDS

Jorge Luis Borges; translation; reading; translated classic.

Borges responsabilizou seu “oportuno desconhecimento do grego” pelo modo como abordou alguns problemas relativos aos textos hispânicos; de modo semelhante, parece-me que seu “oportuno descaso” pelos problemas estritamente teóricos da tradução é responsável pela

originalidade de sua reflexão no campo. Quando trata especificamente de tradução, suas opiniões são comuns; no entanto, algumas de suas reflexões adjacentes são de enorme proveito aos Estudos da Tradução. Borges funda uma nova categoria de objeto literário, pertinente também aos Estudos da Tradução – e o faz graças ao fato de que a tradução em si não lhe interessa sobremaneira.

Na primeira parte deste artigo, comento individualmente os principais textos borgianos sobre tradução; na segunda, examino sua reflexão sobre leitura; finalmente, segue-se a demonstração de que dessa reflexão é oriunda de uma categoria nova de objetos literários: *o clássico traduzido*¹.

¹ Tomo emprestado este termo de Jack Miles. Em seu *God: a biography*, Miles se refere à Bíblia como um *translated classic* – um livro lido eminentemente em tradução. Como se verá mais abaixo, essa é uma das características dessa categoria de objetos.

1. OS ENSAIOS BORGIANOS SOBRE TRADUÇÃO

Ao longo de sua produção ensaística – e apesar de ser vasto tradutor de prosa e verso –, Borges escreveu pouco sobre tradução. Que seja de meu conhecimento, apenas cinco de seus textos são voltados especificamente a problemas tradutórios. Comento-os abaixo.

1.1. LAS DOS MANERAS DE TRADUCIR

Publicado em 1926, este ensaio ficou inédito em livro até ser recolhido em *Textos recobrados I*. Esse texto já traz as marcas características de um ensaio borgiano sobre tradução (embora uma delas ainda não em sua forma plena): a menção ao provérbio italiano *taduttore traditore* para falar do usual descrédito das traduções e a menção de duas formas fundamentais de tradução, a literal e a perífrase. No primeiro caso, afirma que costumamos acreditar que um texto literário é incorrigível, e que dessa crença surge a descrença na eficácia (ou na possibilidade) das traduções. Apesar de sua des-

confiança quanto a esse tratamento marmóreo dos textos literários, apesar mesmo de declarar que acredita serem possíveis as traduções poéticas, levanta fortes argumentos contra a prática da tradução, aos quais não responde:

creo en las buenas traducciones de obras literarias [...] y opino que *hasta los versos son traducibles*. [...]. Alguien objetará que la versión [...], por fidedigna a y grata que sea, nunca será para nosotros lo que [es] su original [...]. *La objeción es difícil de levantar*; también los versos de Evaristo Carriego parecerán más pobres al ser escuchados por un chileno que al ser escuchados por mí, que les maliciaré las tardecitas orilleras, los tipos y hasta pormenores del paisaje no registrados en ellos [...]. Es decir, a un forastero no le parecerán más pobres; serán más pobres. Su caudal representativo será menor. (BORGES: 1997, p. 256, grifos meus)

A tradução não reproduz o “caudal representativo” do original, pela mesma razão pela qual um texto literário perde parte de sua carga semântica quando deslocado. Esse argumento – que enfraquece a possibilidade de se traduzir um texto de uma língua para outra ao questionar mesmo o transplante intralinguístico – é aparentado de um segundo, também intralinguístico, elaborado em “Las versiones homéricas”: segundo esse raciocínio, se mesmo a paráfrase de um texto literário não tem o mesmo valor (estético ou semântico) que o original, também não o teria uma tradução para outro idioma.

O cerne do ensaio está na explicitação das duas maneiras de traduzir. Borges contrapõe uma maneira *romântica* de traduzir a outra, *clássica*. Segundo crê, os clássicos enfatizam a universalidade de todo pensamento, e, portanto, a igualdade das línguas para expressá-los; importam-se com o que lhes parece universal em um texto, apagando idiossincrasias e buscando equivalências nas línguas de chegada. Os românticos, por sua vez, enfatizam a singularidade do criador, e temem modificar-lhe as palavras. Nota ainda que esse traslado do estrangeiro à língua de chegada pode acarretar beleza e novidade – o que não é contrário ao gosto romântico².

² Não muito diferentemente raciocinará Antoine Berman, que também verá os tradutores clássicos como domesticantes e louvará os românticos a quem considera estrangeirizantes.

Aqui, Borges faz algo não muito diferente do que Heinrich Wölfflin fizera em relação ao Barroco e ao Clássico, tomando-os não como estilos históricos, mas como manifestações de duas formas arquetípicas de conceber a pintura. Assim, o encanto e a plausibilidade de sua proposição são os mesmos da de Wölfflin. Por sua vez, o cerne tradutório da divisão não é original: trata-se da antiga contenda entre tradução *after the word* e *after the sense*.

Assim, o ensaio apresenta dois deméritos enquanto ensaio sobre tradução: a banalidade de sua proposição central, e a proposição de argumentos fortes contrários à possibilidade do ato tradutório, não respondidos. Mesmo que seja importante a um texto sobre tradução levantar semelhantes argumentos, deveria, também, buscar respondê-los, uma vez que ameaçam a integridade e mesmo a existência de seu objeto de estudo.

1.2. LAS VERSIONES HOMÉRICAS

Este é, provavelmente, o mais importante ensaio borgiano a respeito de tradução; publicado em 1932 e recolhido em *Discusión*. Também faz menção ao provérbio italiano e, pela primeira vez, à disputa Newman-Arnold sobre tradução poética; essa disputa será ligada às “dos maneras de traducir”; Newman defende a tradução literal; Arnold, a perífrase.

Borges abre este ensaio declarando que o problema da tradução é *consustancial* às Letras. A tradução suscitaria o debate estético, por isso discutir tradução literária é discutir literatura. Esse texto retoma e aprofunda algumas das ideias presentes em “Las dos maneras de traducir”. Vejamos como faz isso.

Em primeiro lugar, apresenta uma explicação mais complexa da descrença na tradução. Segundo Borges, os processos mentais que levam à escrita de um texto literário – ou, se se preferir, seu *projeto* – são irrecuperáveis; na verdade, qualquer texto é um objeto cujas possibilidades de

sentido são inesgotáveis. A tradução, porém, tem seu projeto em outro texto, e consegue apenas resgatar uma parte de seus componentes. Daí sua baixa confiabilidade.

Contrapondo-se a isso, expressa sua desconfiança sobre nosso trato dos textos literários como “definitivos”. Não há necessidade de se considerar a tradução como inferior ao original, uma vez que o conceito de *texto definitivo* é extraliterário: os textos são considerados definitivos quando se desiste de os alterar, ou por hábito. Assumem uma forma definitiva apenas contingentemente; disso se infere que, se a tradução de um texto (talvez devido a suas “traições”) é considerada um rascunho, também o é seu original – e não há razão para que um rascunho seja considerado melhor que outro.

Essa desconfiança ameniza a diferença valorativa entre texto literário e traduzido, destacando, porém, outra. Um texto ao qual consultamos inúmeras vezes parecerá mais solidamente amarrado: sentiremos mesmo o que nele é casual como necessário. Os textos literários, assim encarados, não admitiriam variações, ao passo que as traduções sempre permitem – e, como Borges parecerá sugerir no parágrafo inicial de “Los traductores de *Las 1001 noches*”, suscitam ou exigem – que do mesmo texto surjam outras. Neste ponto, compara o *Quijote* com as inúmeras traduções da *Odisseia*: o primeiro lhe parece um “monumento uniforme”; as segundas, “una librería internacional de obras en prosa y verso” (BORGES, 1996a, p. 240). É inegável a originalidade dessa abordagem.

Para Borges, dois fatores ocasionam a múltipla tradutibilidade das epopeias homéricas: (1) a impossibilidade de sabermos o que nelas pertence ao autor ou à língua; (2) o fato de nelas o modo como as personagens eram concebidas por Homero e por sua audiência imediata haver se perdido. Neste argumento, percebemos a sofisticação de ideias expressas em ensaios anteriores: no caso de (1), é essa a problemática por trás da adjetivação homérica: “Las versiones homéricas” propõe que os invariáveis adjetivos homéricos derivam de um hábito “sintático” semelhante ao uso das preposições (diz-se “negra nau” e não “nau

marrom” do mesmo modo como se diria “ir a pé” e não “ir por pé”). Os comentadores a quem cita elencam explicações que mostram os adjetivos homéricos como escolhas de Homero; Borges, talvez para reforçar sua posição, propõe uma explicação que atribui esses adjetivos à língua grega³.

A sessão final do artigo faz uma lista das algumas traduções de um mesmo trecho da *Odisseia*. Mais, tarde, falaremos sobre a importância desse gesto crítico.

³ Borges proferira inicialmente suas opiniões acerca dos adjetivos homéricos em um ensaio de juventude, “La adjetivación”, publicado em 1926 e recolhido em *El tamaño de mi esperanza*.

1.3. LOS TRADUCTORES DE LAS 1001 NOCHES

Esse texto foi originalmente publicado em 1934 como dois ensaios separados, posteriormente agrupados e recolhidos em *Historia de la eternidad*. Não discute problemas relativos à tradução; trata-se mais propriamente de um conjunto de resenhas extemporâneas de três tradutores das *Mil e uma noites*: Richard Burton, Dr. Mardrus e Enno Littmann. Funcionalmente, poderíamos dizer que atua como uma expansão da sessão final de “Las versiones homéricas”, e portanto me ocuparei dele quando tratar dessa sessão.

1.4. WORD-MUSIC AND TRANSLATION

Trata-se de um escrito resultante de conferência originalmente proferida em inglês em fevereiro de 1968, como parte das *Charles Eliot Norton Lectures*, em Harvard, posteriormente recolhido em *This craft of verse*. A tradução espanhola de Justo Navarro (a partir da qual cito o texto) nos depara com um Borges de estilo oral, de mais ágil leitura. Essa conferência fornece de modo mais simples e direto algumas das ideias dos ensaios anteriores. Estão presentes a citação ao provérbio italiano e a contenda Newman-Arnold. Também está presente uma admoestação a que não se traduza literalmente, mas que se busque

o sentido. Se, nos textos anteriores, Borges se limitou a comentar os méritos poéticos de cada método, desta vez parece tornar explícita sua preferência pela tradução *after the sense*: empregando um exemplo simples, demonstra que a tradução de uma locução como “buenos días” por “good days” (ao invés de “good morning”) é literal, porém incorreta – uma opinião correta, porém banal.

Essa conferência de Borges explicita que as traduções *enquanto traduções*, interessam-lhe pouco. De início, a proposta de tópico da palestra (a quarta em uma série de seis sobre poesia) é enganosa. A tradução é o segundo item presente no título; a abertura da conferência tornará clara sua subalternidade a outro tema: “me limitaré al problema de la traducción poética. *Un problema menor* pero también muy pertinente. Esta discusión debería allanarnos el camino hacia *el tema de la música de las palabras* (o quizá la magia de las palabras), del sentido y del sonido en la poesía” (BORGES, 2000, p. 75, grifos meus). Aqui, pela primeira vez aparece explícita sua opinião de que a tradução poética, embora consubstancial às Letras, é menor; se a aborda, é porque é elucidativa de outro problema mais de seu agrado.

Por outro lado, uma opinião, bastante mais valiosa e já latente em seus outros ensaios, recebe aqui formulação explícita:

Si consideramos las dos traducciones que he citado⁴, *no son inferiores al original*, pero percibimos una diferencia. *La diferencia está más allá de las posibilidades del traductor*; depende, más bien, de la manera en que leemos *poesía*. [...] Cuando nos referimos a la versión de Tennyson, por mucho que la admiremos [...], la consideramos un logrado experimento con el antiguo verso inglés, acometido por un maestro del verso inglés moderno; es decir, *el contexto es diferente*. (BORGES: 2000, pp. 80-82, grifos meus.)

⁴ A da *Ode de Brunanburh* por Alfred Tennyson e da *Noite escura da alma* por Roy Campbell.

Essa citação nos deve remeter ao exemplo da poesia de Evaristo Carriego lida por um chileno: o contexto de leitura altera (esvai) o conteúdo dos textos. Também, as traduções da *Odisseia* e das *Mil e uma noites*

receberão de sua parte uma crítica contextualizada – levando, desta vez, em consideração as circunstâncias de produção das traduções, mais que as de sua leitura. Prossigamos:

...la diferencia entre una traducción y el original no es una diferencia entre los textos mismos*. Supongo que si no supiéramos cuál es el original y cuál la traducción, los podríamos juzgar con imparcialidad. Pero, desgraciadamente, no puede ser así. Y, en consecuencia, el trabajo del traductor siempre lo suponemos inferior – o, lo que es peor, lo *sentimos* inferior – aunque, verbalmente, la traducción pueda ser tan buena como el texto. (BORGES: 2000, p. 83, *grifo meu.)

Antes, Borges questionara abertamente a noção de *texto definitivo*; agora, acrescenta que original e tradução, sendo ambos os textos, não podem ser hierarquicamente valorados de antemão. Nossa consciência de lermos uma tradução interfere na leitura, e diminui o prazer estético que um poema traduzido poderia causar. Ao final da conferência, profetiza sobre nossas práticas hermenêuticas: “Imagino que, en un futuro [...], *los hombres se preocuparán por la belleza, no por las circunstancias de la belleza*” (BORGES, 2000, p. 95, grifo meu).

Mais que qualquer dos demais ensaios, neste fica evidente seu uso da tradução como modo de abordar questões poéticas e estéticas. Ao escolher falar de tradução em um conjunto de conferências sobre poesia, é ainda sobre poesia que fala; interessa-lhe admoestar sua audiência a ignorar suas convicções usuais sobre tradução para que possam desfrutar de poesia traduzida. Um poema traduzido é, antes de tudo, um poema; antes de ser lido como tradução, deve ser lido (e desfrutado) como poesia.

Assim como os mais fortes argumentos apresentados por Borges em “Las dos maneras de traducir”, aqui temos uma ideia original e forte, mas que nos desvia dos Estudos da Tradução. O leitor deve se esquecer-se de ou desconsiderar que lê uma tradução para que o texto que tem em mãos venha à tona.

1.5. EL OFICIO DE TRADUCIR

Em 1975, Borges responderá a uma enquete sobre tradução literária; suas respostas serão no ano seguinte reproduzidas na revista *Sur* e, mais tarde, recolhidas em *Borges en Sur: 1931-1980*. Figuram aí a menção ao provérbio italiano e à contenda Newman-Arnold; também a opinião de que o tradutor não deve ser literal, a de que a tradução em verso livre é mais simples que a de verso rimado. Contudo, em meio a um texto provido de pouca novidade teórica, Borges explicita a asserção que norteia seu pensamento sobre tradução desde “Las versiones homéricas”: “La traducción de poesía, en el caso de Fitzgerald o en el de Omar Khayyam, por ejemplo, es posible porque se puede *recrear la obra*, tomar el texto como pretexto. *Otra forma de traducción creo que es imposible*, sobre todo si se piensa que dentro de un mismo idioma la traducción es imposible” (BORGES, 1999, p. 321, grifos meus).

Novamente, deparamo-nos com uma ideia avançada, mas que corre o risco de escapar ao âmbito dos Estudos da Tradução: a poesia não é tradutível, apenas a prosa – e Borges fornece inclusive uma prova de que “la prosa sí puede traducirse”: “todo el mundo está de acuerdo en que el Quijote es una gran novela y, sin embargo, como lo hizo notar Groussac, los mayores elogios han sido hechos por personas que leyeron esa obra traducida” (BORGES, 1999, p. 322). Note-se, também, uma inconsistência em suas respostas: justifica a impossibilidade da tradução poética recorrendo à analogia com a paráfrase. Não me parece, porém, que haja calculado devidamente o peso desse argumento: se a paráfrase anula a literariedade de uma obra literária, nem a prosa seria tradutível (ou seja, “parafraseável” em outro idioma).

Como até aqui procurei demonstrar, sempre que Borges nos propõe pensamentos mais avançados sobre tradução, estes põem em questão a possibilidade do ato tradutório, ou então nos convidam a nos esquecermos da tradução enquanto tal. Tudo isso poderia fazer crer que não

encontro originalidade no pensamento borgiano sobre tradução. Isso não é verdade; penso apenas que Borges é acidentalmente original no tangente à tradução, pois, embora a haja praticado com sucesso, não lhe interessa substancialmente como objeto de reflexão. Por trás de sua discussão sobre tradução jaz um objeto que lhe interessa mais profundamente: a *leitura*; em particular, a leitura de obras literárias, seus efeitos de sentido e seu prazer estético. É ao refletir sobre leitura – melhor dizendo, é ao usar a tradução para refletir sobre essa leitura – que seu pensamento assume real interesse para os Estudos da Tradução.

2. LEITURA E TRADUÇÃO

“Las versiones homéricas” poderia figurar juntamente a “Pierre Menard autor del *Quijote*” e “Kafka y sus precursores” entre os textos teoricamente mais desafiadores de Borges. O terceiro, por ser a base da teoria borgiana sobre leitura literária; os dois primeiros, por expandirem-na em sua busca por uma leitura literária prazerosa e autônoma (ou prazerosa *porque* autônoma).

Segundo entendo “Kafka y sus precursores”, Borges parece contrapor dois tipos de histórias da literatura: a história da literatura propriamente dita – com seu conjunto fixo e aberto de autores e obras datadas – e a história individual das incursões de dado leitor pela literatura. Para que o leitor perceba Zenão como *precursor* de Kafka, não basta que perceba semelhanças entre a obra do escritor austríaco e os paradoxos eleatas contra o movimento; também deve saber que Kafka é posterior a Zenão. De modo semelhante, um leitor superlativamente desinformado mas perspicaz poderia supor que Philip Roth é precursor de Kafka. Assim, para encontrarmos precursores, além do conhecimento dos autores, é necessário certo conhecimento da história da literatura – dito de outra maneira: a história da literatura só tem peso em nossos julgamentos comparativo-interpretativos na medida em que pertence à nossa história individual de

leitura. É, portanto, no ato da leitura que um leitor *reconhece* os precursores de dado autor. Desse modo, de fato quem *cria* seus precursores – quem nos oferece os parâmetros de comparação que nos permitirão reconhecê-los –, é o autor em questão. A inversão borgiana esconde, portanto, uma concepção de interpretação literária centrada não mais no autor e seus precedentes, mas no leitor e em seus processos mentais.

Para Borges, a leitura – a possibilidade de leitura de um leitor historicamente datado, provido de dados conhecimentos – é a questão literária por excelência: “Una literatura difiere de otra, ulterior o anterior, menos por el texto que por la manera de ser leída: si me fuera otorgado leer cualquier página actual [...] como la leerán en el año 2000, yo sabría cómo será la literatura del año 2000” (BORGES, 1996b, p. 125). É com isso que joga ao propor a leitura anacrônica do *Quijote* em seu famoso conto.

Além disso, como leitor apaixonado e hedonista, deseja compartilhar com seus leitores o prazer pela leitura, e portanto ataca os empecilhos ao trabalho criativo-intepretativo do leitor: o academismo rígido e a hierarquização valorativa prévia dos textos. A tradução está relacionada ao segundo desses empecilhos: a leitura das traduções não costuma ser prazerosa, pois não as julgamos como textos independentes, imediatamente disponíveis às nossas faculdades mentais. A conferência supracitada usa o exemplo das traduções para mostrar que a beleza poética independe dos conceitos de *original e tradução*. Esse movimento justifica o interesse borgiano em obliterar as relações hierárquicas entre os dois tipos de texto.

De modo menos explícito, é exatamente o que faz em “Las versiones homéricas” e em “Los traductores de *Las 1001 noches*”: lê as traduções não como traduções, mas como originais, inseminados não apenas pelo texto de partida, mas principalmente pela história da literatura. Assim, após passar em revista seis traduções para o inglês de um mesmo trecho da Odisseia, Borges as comenta:

Las dos versiones del principio – las literales – pueden conmover por una variedad de motivos: [...] La tercera versión – la de Cowper – es la más inocua de todas: es literal, hasta donde los

deberes del acento miltónico lo permiten. La de Pope es extraordinaria. Su lujoso dialecto (como el de Góngora) se deja definir por el empleo desconsiderado y mecánico de los superlativos. [...] También es espectacular el ardiente Chapman, pero su movimiento es lírico, no oratorio. Butler, en cambio, demuestra su determinación de eludir todas las oportunidades visuales y de resolver el texto de Homero en una serie de noticias tranquilas. (BORGES: 1996a, pp. 242-3.)

Cada tradução é tratada *individualmente* (à exceção das duas primeiras, tratadas como um só ente); a justaposição dos comentários parece suscitar a comparação, mas não a exige. Igualmente intrigante é o fato de haverem sido traduzidas para o espanhol – talvez outro indício de que as trata como originais. Com essa múltipla resenha, Borges confirma sua asserção de que a Odisseia não é um livro, mas uma biblioteca – mais que isso, uma biblioteca que reproduz ou acompanha a história da literatura inglesa: “la *Odisea*, [...] es una librería internacional de obras en prosa y verso, desde los pareados de Chapman hasta la *Authorized Version* de Andrew Lang o el drama clásico francés de Bérard o la saga vigorosa de Morris o la irónica novela burguesa de Samuel Butler” (BORGES, 1996a, p. 240). Cada tradução pertence a um gênero distinto, a uma época distinta; inserem-se no conjunto da literatura inglesa como obras plenas, não apenas no conjunto dos estudos helenísticos como obras acessórias.

Esse tratamento das traduções como originais – como textos dignos de serem lidos autonomamente, mas que ao mesmo tempo estão arraigados à tradição literária da língua de chegada – também guiará seu julgamento valorativo das traduções das *Mil e uma noites*. Vejamos o que diz sobre Enno Littmann, o tradutor para o alemão a quem resenha:

su traducción es de una franqueza total. [...]. Si no hay error en la Enciclopedia Británica, su traducción es la mejor de cuantas circulan. Oigo que los arabistas están de acuerdo; nada importa que un mero literato – y ése, de la República meramente Argentina – prefiera disentir. Mi razón es ésta: las versiones de Burton y de Mar-drus, y aun la de Galland, sólo se dejan concebir *después de una literatura*. [...] En Littmann [...] no hay otra cosa que la probidad de Alemania. Es

tan poco, es poquísimos. El comercio de las Noches y de Alemania debió producir algo más. (BORGES: 1996a, pp. 411-2.)

A suposta literariedade de Littmann impede sua tradução de ter vida própria, e de comungar da história da literatura alemã; pelo contrário, os falseamentos, intervenções e esquisitices de Burton, Mardrus e Galland inserem-nos em suas respectivas tradições, criando obras novas e inusitadas.

Talvez não seja descabido afirmar que todo esse movimento está resumido em sua conferência sobre “la música de las palabras”. As traduções da *Odisseia* e das *Mil e uma noites* são tornadas visíveis, legíveis e admiráveis; deixam de ser o signo de um texto primitivo (e contingentemente definitivo) para se tornarem obras independentes, capazes de gerar sentidos não-subalternos.

3. CONCLUSÃO: O CONCEITO DE *CLÁSSICO TRADUZIDO*

Até aqui, intentei avaliar a importância da reflexão borgiana para os Estudos da Tradução. Procurei demonstrar que o escritor argentino pensa e reflete primeiramente como leitor, e que mesmo sua discussão sobre tradução redonda na discussão de problemas pertinentes à leitura; mais importante, é quando Borges se afasta dos problemas tradutórios que seu pensamento assume relevância para os Estudos da Tradução⁵.

Apesar de a ênfase borgiana na originalidade autoral do tradutor ameaçar a possibilidade mesma de que haja traduções – afinal, para que um texto seja uma tradução é necessário que seja *percebido* como tal –, esse problema pertence ao leitor comum, não ao estudioso da tradução. Para este, abre-se inclusive a oportunidade de um novo objeto de estudo: o *clássico traduzido*. Clássicos traduzidos seriam obras que: (a) influenciam um sistema literário exclusivamente através de suas traduções; (b) receberam mais de uma tradução, convertendo-se em “bibliotecas”; (c) suscitam inúmeros problemas de tradução, dando

⁵ A asserção de que seus comentários sobre problemas da tradução e da obra de alguns tradutores específicos seja em verdade uma reflexão sobre leitura – e que portanto se afasta da discussão sobre tradução – pode causar estranhamento. Ocorre que seu tratamento das traduções como originais ressalta, a meu ver, uma contradição interna (talvez insolúvel) do labor tradutório: é intelectualmente impreciso e desonesto que um tradutor não seja credi-

oportunidade a variadas soluções; (d) geram (se atentarmos às características já descritas) a expectativa de que sejam antigas.

Consequentemente, essas obras requerem estudo especial: podem ser estudadas autonomamente como obras pertencentes ao sistema literário da língua de chegada, ao mesmo tempo em que parecem solicitar leitura contrastiva com outras que traduzam o mesmo original, *mas não necessariamente com o original mesmo*; a diferença entre estudar uma tradução e estudar um clássico traduzido resultaria justamente nisso: a tradução exige cotejo com o original; o clássico traduzido, não. “Las versiones homéricas” e “Los traductores de *Las 1001 noches*” são ensaios sobre clássicos traduzidos: auxiliam-nos a perceber a existência desse objeto, e ao mesmo tempo estabelecem os parâmetros de seu estudo.

Talvez poucos originais suscitem semelhantes traduções – fato compensado pela enorme quantidade de traduções que suscitam, e portanto pela rica gama de estudos comparativos que solicitam. As epopeias homéricas, as *Mil e uma noites* e a Bíblia seriam os exemplos mais evidentes. Assim, embora propenso a desconsiderar os problemas específicos do labor tradutório em seus ensaios sobre tradução, Borges parece nos legar duas coisas mais valiosas: uma categoria de objetos a serem investigados tanto pela Literatura quanto pelos Estudos da Tradução, e o esboço metodológico de sua abordagem.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue longínquo* (trad. Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini). Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

BORGES, Jorge Luis. El oficio de traducir. In: CARRIL, Sara Luis del; SOCCHI, Mercedes Rubio de (eds.). *Borges en Sur: 1931-1980*. Buenos Aires: Emecé, 1999. pp. 321-5.

BORGES, Jorge Luis. La adjetivación. In: *El tamaño de mi esperanza*. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1998. pp. 56-63.

tado por seu trabalho, mas pode ser pernicioso que seja visível em demasia. Uma tradução depende de sua confiabilidade e esta da *transparência* do tradutor; quanto maior sua visibilidade, maior sua opacidade, bloqueado o acesso ao original – ou a confiança de que haja esse acesso, o que, para efeitos práticos, é a mesma coisa. A eficácia da tradução depende da crença de que lemos determinado texto, mas em língua distinta daquela em que foi escrito. A percepção aguda das marcas de autoria tradutória aumenta na consciência do leitor a noção de que tem em mãos não o produto direto do autor a quem deseja ler, mas um produto derivado, elaborado por um terceiro; dependendo da força dessa convicção, terá maior dificuldade em atribuir os sentidos que o texto suscita a seu autor original, convertendo-os ao tradutor; quando faz isso, perde a fé na autoria do texto, e portanto na possibilidade de ter acesso a ele via tradução. Poderíamos, em dispondo de tempo suficiente, fazer como Borges e ler inúmeras traduções de uma mesma obra, para que o cotejo nos dê alguma vaga notícia do que estaria originalmente nela, mas inferir uma vaga notícia sobre uma obra é diferente de lê-la. Não afirmo que a ilusão do *acesso direto via tradução* (ler Homero, apenas em outra língua) seja intelectualmente desejável; parece-me, porém, que sem essa ilusão nossa relação com o texto traduzido deixa de ser encarada como *indireta* e passa a ser *impossível*. Como afirmei acima, não me parece haver solução para esse impasse; é inerente ao labor tradutório.

BORGES, Jorge Luis. La música de las palabras y la traducción. In: *Arte poética*: seis conferencias (trad. Justo Navarro). Barcelona: Crítica, 2000. pp. 75-95.

BORGES, Jorge Luis. Las dos maneras de traducir. In: CARRIL, Sara Luisa del (ed.) *Textos recobrados*: 1919-1929. Buenos Aires: Emecé, 1997. pp. 256-9.

BORGES, Jorge Luis. Las versiones homéricas; Los traductores de 'Las 1001 noches'. In: *Obras completas I*: 1923-1949, 5.ed. Barcelona: Emecé, 1996(a). pp. 239-43, 397-413.

BORGES, Jorge Luis. Nota sobre (hacia) Bernard Shaw; Kafka y sus precursores. In: *Obras completas II*: 1952-1972, 2.ed. Barcelona: Emecé, 1996(b). pp. 88-90, 125-7.

MILES, Jack. *God: a biography*. Vintage, 1996.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Renascença e Barroco*: estudo sobre a essência do estilo barroco e a sua origem na Itália (trad. Mary Amazonas Leite de Barros). São Paulo: Perspectiva, 2000.

FABIANO SEIXAS FERNANDES

Doutor em Literatura (UFSC) e professor da UFC.

Recebido em 30/06/2011

Aceito em 30/08/2011

FERNANDES, Fabiano Seixas. O clássico traduzido: Jorge Luis Borges sobre leitura e tradução. *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, ano 14, n. 16, p. 9-23, 2011.